Ano 31.º | Sábado, 18 de Fevereiro de 1939 | N.º 1565

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Minerva Central
Rua Tenente Rezende, 12-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

O caso espanhol

A conquista de Barcelona pelas tropas de Franco veio, dum momento para o outro, modificar, por completo a visão europeia sôbre o chamado *caso espanhol*. Mas se tal modificação de pontos de vista se deu ou está a dar-se com certos Estados europeus—nomeadamente a Inglaterra e a França—o ponto de vista português, expresso bem claramente desde a primeira hora, não teve qualquer alteração.

Efectivamente era fàcilmente conjecturável a vitória dos nacionalistas, até mesmo no momento em que o govêrno *legal* amava o povo de Madrid e de Barcelona, e certos jornais portugueses apregoavam uma próxima derrota dos generais que tinham levantado o grito de revolta contra a anti-Espanha instalada no poder. E era fàcilmente conjecturável porque as nações em que imperam regimes anti-comunistas manifestaram desde o princípio categòricamente o desejo de não consentirem o estabelecimento dum novo estado comunista na Europa, pondo em sério risco todos os estados limitrofes quer da Rússia quer da Espanha. Está bem de ver que Portugal, a vencerem as hordas marxistas, seria o primeiro a sofrer as duras conseqüências de tal vitória. Embora se torne evidente que uma vitória dos marxistas sôbre o nosso País fôsse coisa problemática, uma invasão e concomitantes horrores não poderiam ser evitados. Possivelmente seria êsse o comêço duma nova guerra europeia, a tal guerra por que os homens de Moscovo suspiram sem se atreverem a desencadeá-la por conta própria.

Salazar viu, logo no início da guerra, o problema com clarividência. E audaciosa e firmemente tomou uma atitude de intransigência para com a anti-Espanha que trazia no seu programa a supressão de Portugal. Tal atitude nada mais era do que o prosseguimento de que há muito vinha a ser tomada em Genebra e em Londres para com a U. R. S. S., embora fôsse incompreendida, e por isso criticada, pelos que não mediam nem sabiam avaliar as razões que nos assistiam no caso espanhol e que nem eram nem podiam ser as mesmas de qualquer outro Estado europeu.

Para mim tenho que seria pior para a causa nacionalista a sua vitória fulminante em Julho de 1936. A traição de alguns e a actuação do govêrno de Madrid, tornando possiveis os horrores que enlutaram a Espanha, impregnaram a alma espanhola de tal horror pelo comunismo, que não é nêste século mais chegado que ali poderá falar-se despreocupadamente em tal coisa. Mais do que a estratégia franquista tem sido as perversidades as depredações, as cruezas e a sangueira dos vermelhos que têm inspirado o desejo da sua expulsão da Ibéria. Todavia...

Todavia, se os conselhos e avisos do Ministro dos Estrangeiros de Portugal fôssem meditados, ter-se-iam poupado à Espanha êstes dois anos e meio de guerra implacável que pesarão na sua vida histórica e moral por muitos e muitos anos. Creu-se que Portugal auxiliava os *facciosos* por ser um país *fascista* e lançou-se a calúnia aos quatro ventos. As emissoras marxistas de Madrid e de Barcelona cobriam-nos de insultos e, a acreditar nelas, Portugal pagaria caro um dia a sua compliciade com os *facciosos*. Mas a avançada de Franco fazia-se todos os dias. A Espanha ia caindo nas mãos dos espanhois e a conquista de Barcelona—a velha cidade anarquista e na qual se digladiavam a C. G. T. e a F. A. I.—voltou à posse legítima da Espanha, cortando pela raís as veleidades federativas dos de lá.

E agora já muitos se apressam a estender a mão a Franco, muitos dos que ontem favoreciam, a coberto ou a descoberto, os... republicanos. Parece-me que é bem agora o momento oportuno de recordar as luminosas palavras de Salazar pronunciadas em Março do ano passado:

«Tinhamos razão quando, chamando a atenção do Mundo para a verdadeira índole da Guerra de Espanha, procurámos mostrar à Europa quanto o seu equilíbrio poderia ser prejudicado com intervenções das potencias e como a única solução razoável e feliz teria sido a rápida vitória nacionalista sem auxílios estranhos».

Ou as que foram pronunciadas em 1937, num discurso célebre:

«Nós temos na peninsula interêsses muito especiais e corremos riscos que outros não correm. Consideramos que a opinião pública de alguns países, e, designadamente da França e da Inglaterra, está mal formada em relação ao verdadeiro problema espanhol e à natureza dos acontecimentos ali desenrolados. Alguns não acreditam no perigo comunista; nós, ao contrário, vemo-lo; sentimo-lo, tememos se instale em Espanha com a ajuda estranjeira e, finalmente, se fruste o intento de deixar aos espanhois a escolha do seu regime futuro—pois não haveria liberdade nacional nem independencia onde várias internacionais talhassem a seu contento os povos e os governos.

«Daqui vem a nossa atitude desde a primeira hora: daqui vem a nossa oposição a que a não-intervenção funcione em detrimento do nacionalismo espanhol, barreira entre Portugal e o comunismo ibérico; daqui vem o ódio de que fomos objecto e devo dizê-lo em plena consciência que o merecemos inteiramente».

E agora dão-nos razão, porque razão tinhamos e razão temos. Mais uma vez, e de maneira brilhante, se prova a clarividência de Salazar.

A. A. D.

O magno problema da água

Explicações de um técnico especializado no assunto

Esteve no domingo em Aveiro o sr. engenheiro Teixeira Duarte, de Lisboa, a quem a Camara confiou o projecto de abastecimento de agua potavel aos domicilios e que veio dizer, em conversa, aos aveirenses, da altura em que vão os trabalhos de que fôra incumbído.

O sr. engenheiro Duarte falou na sala das sessões perante a edelidade, os representantes da imprensa e outras pessoas convidadas, podendo os seus pontos de vista serem resumidos no seguinte esclarecimento:

Nas proximidades desta cidade existem tres locais onde podem ser captadas as aguas para abastecimento, sendo um nas Quintans, outro na Quinta do Picado e o terceiro em Vale de Ilhavo. Posto de parte o primeiro por insuficiencia do liquido, ficam os ultimos, onde existe agua de boa qualidade e abundante.

O sr. eng. Teixeira Duarte tomou para base dos seus estudos o aumento, ao dobro, da população da cidade, num futuro de 50 anos, e não a atual, que é de 13.000 habitantes, pouco mais ou menos. E sendo assim calcula a obra em 3.500 contos para o fornecimento de 1.800 metros cubicos de agua por dia, visto esta não poder ser fornecida só por uma das nascentes.

A pedido da Camara o sr. eng. Duarte vai concluir o seu projecto e entrega lo até fins do proximo mez para depois se tomarem resoluções em definitivo.

E eis tudo, por agora.

Vítimas dêles próprios

Merecem a divulgação que aqui lhes damos estes comentários de um jornalista francês sobre o esboroamento do domínio vermelho na Catalunha. Referindo-se aos dirigentes marxistas, êsse jornalista escreveu:

«...Esses miseráveis, que privavam o seu povo de pão, deixaram apodrecer toneladas de farinha. O tabaco, que os soldados desejavam ainda mais do que sopa, putrefazia-se em caves. Ao passo que os republicanos pretendiam que o exército vermelho era esmagado pela superioridade do material italo-alemão, os libertadores de Barcelona descobriam, na cidade, reservas de armamento verdadeiramente espantosas: aqui 600 vagões atulhados de material; ali 800 camiões; acolá mil metralhadoras e 60.000 quilos de explosivos, 100 motores de aviões, 85.000 bidões de gasolina, um comboio blindado, e reservas de armas e munições que representavam um valor de cem milhões de pesetas-ouro! Possuiriam tanta coisa os exércitos nacionalistas antes de entrarem em Barcelona? Talvez não. Em todo o caso, estes achados provam—uma vez mais—a incapacidade dos chefes republicanos, as suas falcatruas e talvez a sua traição. A miséria das populações civis e a derrota do exército são imputaveis aos ministros, aos generais e à tropa-fandanga política, duma baixeza repugnante.»

E' assim mesmo, Verifica-se agora que os marxistas estão a ser vítimas da sua própria doutrina e dos seus próprios métodos. *Quem semeia ventos colhe tempestades.* A anarquia custa cara. A desordem faz-se pagar. Todos os sistemas inhumanos vingam-se nos seus próprios fundadores e defensores.

O melhor aliado do exército de Franco, prova-o a situação em que encontrou a Catalunha e prova-o de forma insofismável—foi o próprio regime vermelho, com as suas crueldades, a sua anarquia intrínseca, a sua *indisciplina orgânica*, se assim se pode dizer, os seus métodos, em resumo, a desordem e a barbarie.

CARTA DE LISBOA

15 de Feveeiro de 1939

A estátua a António Vieira

O dr. Afrânio Peixoto lembrou agora que a melhor homenagem com que os brasileiros se podem associar às comemorações centenarias será o erigirem, em Portugal, a estátua ao P.e António Vieira.

É digno do maior aplauso o alvitre do ilustre brasileiro e grande amigo do nosso País.

Génio da Raça, António Vieira é, de todos os grandes vultos da história-pátria, aquele que melhor sintetiza valor mental de Portugal e do Brasil. Grande português, António Vieira foi, também, um grande brasileiro, prestando à Pátria e ao Brasil serviços dos mais notáveis.

A estátua erguida em Lisboa, terra da sua naturalidade, pela nação onde êle mais tempo viveu, será a homenagem completa ao vulto gigantesco que é tamanho, que quanto mais os séculos passam mais se avoluma e agranda.

Crítica e crítica

O aviso-prévio do sr. deputado dr. Mário de Figueiredo sôbre a organização corporativa, deixou muito boa gente de orelha-muda, como sóe dizer-se.

Quando certas alminhas esperavam ver o regime corporativo alvo duma crítica forte, dura e feia, o antigo ministro do Estado Novo fêz o elogio da Ordem Corporativa e apontou alguns defeitos de pormenor que, uma cuidada atenção, pode remediar definitivamente.

Viu-se que só está em causa, não o sistema corporativo, um ou outro facto bem fácil de acertar.

A crítica não agradou a certas alminhas porque não teve o tom comicieiro e inferior dos antigos debates parlamentares.

Mas, então não sabem ainda êsses senhores que o seu sistema foi chão que já deu uvas? Agora estão as cêpas arrancadas...

Trabalho árduo

O novo Comissário do Dasemprêgo é uma figura ilustre de militar com uma grande folha de serviços ao Estado Novo.

Indo arrancá-lo ao Govêrno Civil da Guarda, o sr. ministro das Obras Públicas quis que o sr. capitão Arrochela Lobo prestasse, em lugar de maior responsabilidade, uma maior colaboração à obra governativa.

Em verdade muito urge fazer no Comissariado do Desemprêgo. Se bem que o número dos sem-trabalho diminua constantemente a acção verdadeiramente social que o Comissariado do Desemprêgo tem a desempenhar é sobremodo importante.

Para ela, porém, chegará bem o sr. capitão Arrochela Lobo, pelo que fácil é concluír, que a assistência aos que não têm onde empregar a sua actividade irá agora ser prestada em novas e melhores bases.

Acontecimento marcante

Foi um acontecimento do maior relêvo a festa para distribuição dos Prémios Literários—1938, e entrega do Galo de Prata aos representantes de Monsanto, *a aldeia mais portuguesa de Portugal.*

A presença dos srs. Presidentes da Rèpública e do Conselho e das figuras mais categorizadas das letras, ciências, jornalismo e política, que enchiam completamente o Teatro Nacional na noite de 4 do corrente, deram à interessante festa, na qual o discurso de António Ferro pôs um cunho de especial interêsse, uma solenidade e um brilho que não é fácil esquecer.

A Política do Espírito levada a cabo pelo S. P. N., sob a égide de Salazar, escreveu mais uma página admirável da sua já notável história.

Só restará a lembrança

Quando estas linhas virem a luz da publicidade é muito possível que do antigo e miserável *Bairro das Minhocas* restem, apenas, alguns montes de cinzas e o lugar onde se ergueram as miserandas barracas de madeira e lata.

É que para albergar as quinhentas famílias que viviam na mais desgraçada promiscuídade no infecto bairro, construía o Estado Novo o Bairro higiénico, arejado e saüdável da Quinta da Calçada, inaugurado há dias por Carmona e Salazar.

O que não foi possível fazer em quási um quarto de século, dar morada decente aos pobres que, por nada terem, não merecem viver como animais, fê-lo o Estado Novo no espaço relativamente curto de alguns anos.

Que atentem nisto os menos protegidos da sorte e que comparem o dia de hoje com certo tempo passado e ainda da nossa lembrança.

Governador de Angola

Foi excelentemente recebida em todos os meios coloniais a nomeação do sr. dr. Marques Mano para Governador Geral de Angola, cargo que acaba de deixar o sr. coronel Lopes Mateus.

Antigo Director da Política Admi-

Efemérides

18 de Fevereiro

1899—Emílio Loubet é eleito presidente da República Francesa, tendo mais tarde e nessa qualidade visitado a nossa capital.

1900—São, pela segunda vez, eleitos deputados pelo Porto os drs. Afonso Costa e Paulo Falcão e o engenheiro Xavier Esteves, causando êsse facto o maior regosijo no seio do Partido Republicano.

1908—Sai em Lisboa o primeiro número do semanário humorístico *O Xuão*.

1909—Inaugura-se em Lisboa um monumento ao marechal Saldanha.

CAFÉ AVEIRO

Deve inaugurar-se hoje em Viana do Castelo o novo estabelecimento, a que já aludimos, com o título da epígrafe e do qual voltaremos a ocupar-nos na próxima semana.

No entanto recebam os seus proprietários os melhores votos que fazemos pelas prosperidades do *Café Aveiro*.

O CARNAVAL

Véspera de *Domingo Gôrdo*. Antigamente ficava tudo preparado para os dias que se iam seguir. As vestimentas, as máscaras, o instrumental das cègadas e até a piada com que haviam de ser assediadas várias pessoas da terra.

No nosso arquivo existe ainda a planta dum *centro*, que é uma maravilha... Foi desenhado pelo velho João Romão, de saüdosa memória, e o sucesso não podia ser mais retumbante.

Mas compreendemos que tudo está de harmonia com o espírito da época, devido à transformação que se operou. E de aí o Carnaval conservar, apenas, uma levissima reminiscência do passado...

Se não só o nome.

O «Ai ó linda»

Morreu ùltimamente, em Lisboa, êste conhecido revolucionário civil, como tal reconhecido pelo Parlamento, que aparecia em tôdas as zaragatas do partido democrático, tendo, porém, depois do 28 de Maio, tomado outra orientação, regenerando-se pelo trabalho.

É quanto ficou devendo ao Estado Novo.

As andorinhas

Vieram já as precursoras da Primavera. Não se teriam enganado, calculando encontrar um calor à feição, que, de facto, ainda não existe ou é irregular?

Em todo o caso a presença dêsses passarinhos é um bom sintoma pelo que muito nos alegra vê-los a esvoaçar por essas ruas além.

E' de mais

De novo alguns moradores do bairro da Apresentação apelam para *O Democrata* visto continuarem a correr por aquelas valetas águas mal cheirosas, sem que providências ainda fossem tomadas nesse sentido.

Realmente aquilo só visto, pelo que, de novo, lembramos ao sr. Delegado de Saúde a conveniência de pôr côbro a tanta imundice.

Não querem crêr?

O anúncio é a alma do negócio

Ainda sobre anuncios e anunciantes, ou seja sobre o que a semana passada publicámos ácêrca do assunto, mais esta carta por muitos tíulos preciosa:

«O comerciante português ainda não reparou, *desde que há negócios em Portugal*, numa coisa de uma evidencia inaudita: ainda não reparou que, sempre que um viajante, um representante, um caixeiro de armazem fôram encarregados de vender produtos de uma casa, houve um ou outro que montou loja ao lado, transformando-se num concorrente tremendo.

O homem que esteve ao serviço deste ou daquele comerciante, trabalhou bem para êsse comerciante, mas antes de tudo, trabalhou para si. Trabalhou muito, pôz na balança, em seu favor, o *Vae victis* que para êle é—o monopolio da clientela do outro.

Sob o pretexto de ser o intermediário, aplanando dificuldades entre o cliente e o comerciante, sempre que viaja—e sob o pretexto de amabilidades úteis, ele luta pelo que eles chamam *o seu futuro* agradecer ao cliente para mais tarde arrebatá-lo.

A publicidade não comete semelhante deslealdade. Ela, leal e fiel, só para o comerciante que inteligentemente a chamou em sua defesa e auxílio, dando a conhecer um nome, um produto, uma marca e colocando, em segundo plano, a acção do vendedor.

A clientela que a publicidade cria, pertence exclusivamente ao comerciante, é um activo no negócio, um capital inalienavel que os viajantes ou os caixeiros não levam consigo quando deixam as casas dos patrões. Os fregueses dos comerciantes que não fazem propaganda pertencem a quem os visita ou os serve.

De maneira que estas pretensas economias que os espertos comerciantes fazem para não praticarem publicidade, serve para estabelecer os seus futuros concorrentes. Isto no fim de contas, nem é agradavel, nem vantajoso.

Nestas condições, no estreito ponto de vista de cada comerciante, negar a utilidade da publicidade parece coisa tangente ao circulo da má fé.»

O caso, se quizerem meditar nêle, presta-se. Como todos os casos que tenham por fim a defesa de quaisquer interesses.

Feira de Março

—o—

Activam-se os trabalhos no campo do Rossio para o grande mercado anual, que êste ano terá a valorizá-lo mais atractivos e um crescido número de *stands* onde serão expostos muitos artigos manufacturados no distrito e cujo valor não nos cansaremos de elogiar na devida altura.

Ao centro erguer-se-há um pavilhão de festas, duas fontes luminosas têm já sítio marcado e por fim um cortejo folclórico projectado para o último domingo de feira, 16 de Abril, encerrará o certamen, que um artístico e vistoso cartaz anuncia como digno de ser visitado do dia 25 do próximo mês em diante.

Salvou-se, dêste modo, a Feira de Março, pelo que à Câmara devem ser dirigidos louvores assim como a quantos se esforçam por conservar as antigas tradições desta terra.

Centro Escolar Republicano "Almirante Reis,,

Recebemos desta colectividade o seguinte ofício:

Lisboa, 30 de Janeiro de 1939

...*Sr. Director do jornal* «O Democrata».

Aveiro

Comunico a V. que a Assembleia Geral Ordinária, efectuada nesta data, aprovou, por unanimidade, um voto de agradecimento ao jornal O Democrata, *proposto na conclusão 7.ª do relatório e contas da gerência de 1938, pela publicação do noticiário da vida associativa desta instituição escolar.*

Com os protestos da minha elevada consideração e estima, desejo a V.

Saúde e República

O Presidente da Meza da Assembleia Geral

António Lomelino

Em dias de festa nunca deve faltar o

Barrocão

nistrativa e Civil de Moçambique, o dr. Marques Mano conhece profundamente todos os nossos problemas do Ultramar, onde tem vivido.

Nacionalista desde os tempos em que sê-lo era difícil e perigoso, o novo Governador Geral de Angola há demonstrado em tôdas as comissões que tem exercido uma superior inteligência e um grande aprumo moral.

É tudo isto que nos leva à mais arraigada certeza de que o Govêrno do dr. Marques Mano, em Angola, irá ser um período da mais ampla e completa prosperidade para a grande e rica província ultramarina.

Homenagem tocante

O convite feito pelo Brasil ao Govêrno português para que a nossa aviação se faça representar no vôo a Porto Seguro com que vai comemorar-se a descoberta do Brasil é mais uma prova sobremodo sensibilizadora da muita afeição do Brasil por Portugal.

Países irmãos, com o mesmo destino no Mundo, é impossível, de facto, recordar a História dum sem imediatamente evocar a História do outro.

Brasil e Portugal são, de facto, duas nações que constituem a projecção uma da outra.

Por isso mesmo entenderam os brasileiros, e muito bem, que o descobrimento do Brasil não podia comemorar-se, completamente, sem a presença, sem a colaboração de Portugal, sem a colaboração dos portugueses. Daí o convite de que há pouco foi portador para o sr. Presidente da Rèpública o sr. Barão de Saavedra.

Grande acontecimento

Tudo se prepara para que a *Semana Portuguesa* que, organizada pelo S. P. N. vai brevemente realizar-se em Londres, constitua um grande acontecimento, sirva para melhor estreitar as já apertadas relações entre Portugal e a Inglaterra.

Depois da quinzena de Portugal em Genebra, há anos realizada com tão marcante triunfo, a *Semana de Londres* vai ser, disso estamos certos, mais um grande acontecimento, mais uma grande afirmação de quanto portugueses e ingleses se estimam e por isso melhor e mais intimamente se devem conhecer.

A iniciativa do S. P. N. é, pois, por tudo isto motivo dos mais calorosos aplausos, dos maiores e mais merecidos elogios.

É que nunca, como presentemente, foi tão necessário estreitar os já íntimos laços entre Portugal e a sua velha aliada.

O Pinheiro Maluco

Talvez a muitos dos nossos leitores pareça estranho que nos refiràmos à morte do *Pinheiro Maluco*, um pobre homem que não teve outra história senão a que costuma esmaltar a biografia, sempre igual, de todos os tipos populares, de todos os tipos da rua.

O *Pinheiro Maluco*, que aliás não tinha nada de doido, é, porém, o símbolo autêntico duma época que já passou, duma época em que já foi possível vir-se para o meio da rua castigar, e com razão, os erros duma sociedade perdida na maior loucura.

O *Pinheiro Maluco* foi um tipo popular, mas um tipo popular que disse verdades como punhos, que as disse das boas aos políticos e não políticos, do alto da praça pública. Chamavam-lhe maluco, quando êle, no final era, apenas, uma pessoa cheiinha de razão, dizendo verdades desagradáveis, mas verdades, sempre.

Há tempos meteu a fala ao bucho, como sói dizer se.

É que, também, desde há tempos que deixaram de haver certos erros para castigar, certas patifarias para denunciar...

E digam lá depois que o *Pinheiro era maluco*. Se dalgum mal padeceu foi ter tanto juizo que os outros nunca o entenderam.

GIL DO SUL

O DEMOCRATA *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal--AVEIRO.*

CONGRESSISTAS...

=:=

Reúnem terça-feira próxima, no *Arcada-Hotel*, para conversarem e decidirem sôbre o diploma que vai ser passado aos *tios honorários*, conforme resolução tomada para as bandas do Paraimo...

Desta vez fará as honras da casa o amigo Henrique Rato, que, dependurado no seu inseparável charuto, o terá de multiplicar para que também se multiplique no coração de todos aquela afeição que os há-de trazer unidos por muitos anos e bons.

A seguir, o baile...

Livros

«DEPOIS DA TEMPESTADE, A BONANÇA»

«UM AMOR DE CRIANÇA»

Dois volumes pela Condesssa de Ségur

A Editôra Educação Nacional, do Pôrto, acaba de dar à estampa mais duas obras da Condessa de Ségur, respectivamente *Depois da tempestade, a bonança*, e *Um amor de criança*.

Pode-se dizer afoitamente que ninguém conseguiu, até agora, trabalhar a literatura infantil com tanta simplicidade e encanto. Os livros desta escritora são verdadeiras obras-primas, que os miúdos de todo o mundo lêem sempre com verdadeiro fervor e entusiasmo.

As duas lindas novelas que temos presente, e que até os adultos as leriam com verdadeiro prazer, contam-nos duas histórias de bela finalidade moral. Os personagens principais são crianças, cuja psicologia a autora mostra conhecer admiràvelmente. Os episódios graciosos e educativos sucedem-se uns aos outros; os diálogos são vivos e animados.

Perpassa, por ambos os livros, um delicioso sôpro primaveril de mocidade e de ternura.

Depois da tempestade, a bonança tem, como figura culminante, a bondosíssima Genoveva, modêlo adorável e exemplo aliciente para tôdas as meninas.

Um amor de criança conta-nos a história impressionante de G-zela, outra figura encantadora que, uma vez passada pela retina, nunca mais esquece. ¿E os ensinamentos desta comovedora narrativa? Muitos são êles, na verdade, e de-certo aproveitarão muitíssimo aos pequenos leitores a quem se destinam.

Ambos os volumes—que se recomendam como aquilo que há de melhor para leitura infantil—trazem lindas capas coloridas de Maria de Vasconcelos.

Agradecemos à Editôra Educação Nacional a oferta com que nos distinguiu.

Concurso de artigos sôbre as Comemorações de 1940

=o=

A celebração dos centenários na fundação e restauração de Portugal tem dado ensejo à publicação, na imprensa portuguesa, de numerosos artigos em que o facto histórico e o seu significado são postos em devido relêvo e estudados à luz de alto critério patriótico.

Muitos outros valiosos trabalhos jornalistícos virão, certamente, a lume sôbre o assunto, já durante o corrente ano, já em 1940. o «ano áureo» das comemorações.

A comissão Executiva dos Centenàrios, no intuito de dar um justo galardão aos autores dêsses artigos que assim obterão a notoriedade mais duradoura que merecem, estabelecendo ao mesmo tempo um estímulo para que os jornalistas continuem a ocupar-se da gloriosa celebração, resolveu instituír, pela sua Secção de Propaganda e Recepção, prémios que serão atribuídos em 1939 e 1940.

O concurso relativo ao ano corrente é promovido nas bases seguintes:

BASE I—A êste concurso poderão concorrer todos os escritores portugueses, com artigos originais publicados em português, em jornais ou revistas de Portugal, ilhas adjacentes e colónias, e que tenham por tema as comemorações de 1940 e sua significação.

BASE II—Serão admitidos ao concurso os artigos publicados no período que vai da data da publicação destas bases até 31 de Dezembro do ano corrente.

BASE III — Os concorrentes entregarão no Secretariado da Propaganda Nacional, onde funciona a Secção de Propaganda e Recepção, até 15 de Janeiro de 1940, os seus pedidos de admissão ao concurso, acompanhados de oito exemplares do jorual ou revista em que haja sido publicado o artigo com que concorrem ao prémio.

BASE IV—O júri será constituído por seis figuras de reconhecido prestígio nas letras ou no jornalismo e pelo director da Secção de Propaganda e Recepção que presedirá, apenas votando em caso de empate.

BASE V—Serão atribuídos os seguintes prémios indivisíveis: primeiro, de dois mil escudos; segundo, de mil escudos.

BASE VI—O júri reserva-se o direito do não conceder qualquer dos prémios, se os trabalhos concorrentes não satisfizerem às exigências dêste concurso ou lhes faltar a indispensável categoria literária.

BASE VII—Estas bases constarão de documento afixado na sede da Comissão Nacional dos Centenários.

EUMAREIRISMO!

Secção desportiva

Foot-Ball

Campeonato nacional da II Divisão (Beira-litoral)

A segunda derrota do Beira-Mar

Tão aborrecido ficou o público com o fracasso do *onze* nacional em face do poderoso conjunto helvético, que a segunda derrota do *Beira-Mar*, no actual campeonato, passou quasi despercebida ou, então, foi acolhida com o fatalismo próprio da gente do bairro piscatório...

Na Figueira da Foz, a equipa beiramarense não pôde tornear a dificuldade da deslocação e regressou batida por 2-0.

Os rapazes da *A. Naval* conseguiram o seu primeiro triunfo e, ao mesmo tempo, beneficiar o o outro grupo da sua Associação regional...

Entretanto, os *teams* aveirenses vão se degladiando conforme podem e sabem, de modo que o *União*, de Coimbra, começa a enfrentar, com optimismo, o seu triunfo no torneio...

Em Coimbra, no domingo, o *União* venceu o *Sporting*, de Pombal, e, em Ovar, a *Ovarense* derrotou o *Oliveirense* por 4-0.

Agora, o *União* tem 8 pontos; o *Beira-Mar* e a *Ovarense*, 6; o *Oliveirense* e o *Sporting*, de Pombal, 4 e a *Naval*, 2.

E com esta pontuação se chegou ao final da 1.ª volta.

Amanhã, o *Beira-Mar* desloca-se para Coimbra. Conseguirão os aveirenses um resultado sensacional?

Os 5.ºs classificados do campeonato de Aveiro têm feito boa figura e, pelo menos na sua terra, devem desforrar-se das derrotas que lhes infligiram a *Naval* e o *Sporting*, de Pombal.

Aguardemos.

Taça "Recreio M. Esgueirense„

Ficou adiada para hoje, na séde do *Vasco da Gama*, a reünião dos delegados dos nossos clubs concorrentes à *Taça Recreio Musical Esgueirense*, para se marcar a data do início do torneio e se proceder ao sorteio da prova.

Como se calcula, esta iniciativa feliz vai provocar grande entusiasmo no nosso meio desportivo.

A Taça será brevemente exposta numa das principais montras da cidade.

Contam-se com as inscrições do *Galitos*, *Liceu*, *Vasco da Gama*, *Recreio Musical Esgueirense* e *Escola Comercial*.

Segundo se diz, o Liceu apresentará duas equipas.

Os jogos serão disputados alternadamente em Aveiro e Esgueira.

Tão desacostumados estamos nós destas magníficas iniciativas, que não nos cansaremos de felicitar o clube organisador.

Já foi entregue o regulamento da prova a todos os nossos clubes, que devem sentir-se felizes por poderem, enfim, apresentar aos adeptos as suas equipas.

O torneio será patrocinado pela A. B. A.

Y.

Trincheira dum crente

A contradança da luva

Há dias li no diario *A Voz*, umas notas sob a epigrafe *A contradança da luva*, que por se me afigurarem interessantes, oportunas, utilíssimas e curiosas vou ligeiramente comentar.

A-proposito, deve-se declarar que *A Voz*, é entre a imprensa diaria do país, o jornal da mais alta, nobre, íntegra independencia intelectual, política e jornalistica.

Não conhece o servilismo. Não respeita a ideia feita. Não apoia o lugar comum.

Nem sempre está de acordo com o chamado critério das esferas oficiais. Dentro da maior isenção, com toda a cortezia, mas sem abdicar da liberdade de crítica, tem a sua opinião sobre os mais variadíssimos assuntos que podem interessar a inteligencia, a cultura, a moral, a sociedade e a causa pública.

Tem a sua doutrina, o seu pensamento, a sua politica, que procuram servir o ideal superior de cultura e os interesses mais vastos da colectividade e da civilização. E nesse *servir* põe a maior coragem e desassombro. Tem a digna preocupação de atingir a verdade e a justiça. Destaca-se de todos os outros jornais, porque lá não se vão procurar anúncios, nem o relato circunstanciado das comédias e tragédias da vida, nem saber qual é a opinião do Governo, mas vêr por que angulo, observar com que visão *A Voz* examina, apresenta, estuda os problemas nacionais e internacionais e com os seus estudos e criticas tem provocado inumeras notas oficiosas.

Aprende-se sempre ao lêr *A Voz*; educa-se o espirito; adquire-se personalidade.

A Voz criou mesmo uma verdadeira corrente de opinião pública, que pode afirmar-se, sem desmentido, é das mais cultas, ilustradas, conscientes e desempoeiradas do país.

Resumindo, que é aqui onde se pretende chegar: há em *A Voz* sempre qualquer coisa de novo, de original, de criador, de bem pensado, bem estudado, bem dito e bem escrito, que instrue, educa e ensina; com que a curiosidade intelectual, política ou meramente jornalistica, tem sempre a lucrar e nada a perder.

* * *

Escritas estas elementares palavras de justiça, vamos agora à contradança da luva, em que *A Voz* deu a muita gente que o desconhecia, uma lição de elegancia, de bem vestir, de boa e perfeita educação e de correcção de maneiras.

E' costume, entre nós portugueses, com manifesta tendencia a enraizar-se cada vez mais, até já entre senhoras, descalçar a luva, para em gesto de educação, de bom-tom e de gentileza, estreitar a mão amiga ou alheia, que nos surge na rua, no café, em casa, no teatro e por aí fóra.

Praticava-se e realisa-se este acto vulgar, com a firme convicção e a ideia clara de que era assim e ainda é, que a cortezia, os hábitos elegantes e mundanos, as entendidas regras da pragmatica ensinam e mandam.

E se alguem ou por desconhecimento, ou por inadvertencia, ou por simples comodidade o não fizesse; se persistisse teimosamente em manter a mão calçada, era com facilidade considerado mal-criado, grosseiro, deselegante e casca grossa.

Estavam as coisas neste pé e de-certo ainda se conservam para muita gente, quando o sr. Gonçalo Coutinho, habitual colaborador de *A Voz*, culta e desembaraçada pena de jornalista, põe em traços energicos e acabados a questão nos seus verdadeiros termos.

Afinal descalçar a luva, para cumprimentar o próximo, é que é deselegante, inestético, descortez, demonstrativo de falta de higiene e anti-pragmático!

E' não ser fino, é ser até indelicado, é mesmo não possuir verniz de bom-tom!

Ouçamos o estilo vivo e bem pessoal do autorizado articulista, que melhor que o meu, exprime e traduz a razão, a verdade e o possivel interesse desta cronica:

Nenhum motivo justifica o gesto da desnudação forçada da mão designada para o cumprimento, gesto que em encontros inesperados provoca muitas vezes uns cómicos momentos de espera durante os quais o segundo interlocutor, de braço suspenso, ganha involuntariamente um ar de parvo. A falar verdade, o que estaria mais certo seria, por motivo de ordem higiénica, fazer-se o contrário—calça-la se há tempo.

Mais adiante esclarece o que se fazia em passados tempos, onde a elegancia e a aristocracia de porte, não era salpicada dos provincianismos demasiadamente burguêses de agora:

A luva branca era aqui, há trinta anos, imprescindivel ornamento de uma indumentaria que apenas se usava em ocasiões muito solenes, que só conhecia, ao tempo, salões aristocraticos, clientela muito seleccionada. Ninguem que frequentasse êsses salões ousaria comparecer sem que a luva estivesse impecavelmente ajustada, atitude que se mantinha nos cumprimentos como na valsa.

Exemplificando a sua justa, acertada e clerificante opinião, reforça com factos concludentes:

«Ainda há poucas semanas passaram pelo *ecrain* da capital algumas cenas empolgantes davida de uma grande Rainha. A assistência teve aí ocasião de vêr, em dois bailes da côrte, o aprumo dos nobres que nunca, desde a sua entrada nos paços reais e em caso algum, se desembaraçaram da luva. Se assim se compôs o filme foi que fôra êsse o costume da época. Há dez anos ainda assisti eu a um baile em Paris, organizado por um grupo de senhoras da fina sociedade parisiense sob a presidência de uma princesa da Grécia com residência ao tempo, num magnífico *chateau* na direcção de Nueilly Os primeiros convivas a aproximarem-se da Alteza fôram os diplomatas que, irrepreensíveis nas suas casacas bordadas e nas suas Grão-Cruzes cintilando, beijaram de luva calçada a mão da nobre dama.»

O sr. Gonçalo Coutinho remata as suas lúcidas e corajosas observações, com êste período iluminado de pitoresco, ironia e de realismo de costumes, que inundam os bailes e salões portugueses da actualidade:

«Ora, como é que neste pôdre *à vontade* que se nota hoje nos nossos salões, onde marca, predominantemente, o dizer chulo, onde parte da assistência feminina e não feminina se estende aninhada pelas escadas ou se senta cigarreando sôbre os mármores dos móveis (nunca observei isto no estranjeiro) como é que, repito, nesta época de brejeirice em salões portugueses, chegou aos homens de agora a preocupação de entre si exagerarem a cortezia a ponto de, para um simples aperto de mão à porta da Benard ou da Bertrand, terem de descalçar a luva?»

Depois de escritas as criteriosas considerações do sr. Gonçalo Coutinho, animadas de bom-senso e de coragem, fustigantes do ridículo e do pedentismo tão popularmente espalhados na sociedade portuguesa, o titular sr. Conde de Alcaçovas, outra competente autoridade no assunto, em novo número de *A Voz*, referendando a opinião já expressa, ilucida, argumenta, aprofunda êste problema da indumentária da luva escrevendo:

«Em Portugal a pragmática de há 40 anos mandava descalçar a luva direita ùnicamente para falar às Pessoas Reais (por isso se costumava entrar no Paço já só com a luva esquerda calçada) e a Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca (ou qualquer outro Cardial) pois que os Cardiais em tôda a parte têm honras de Príncipes de sangue, admitindo-se, embora isso não fôsse generalizado, que o mesmo fizessem os católicos ao cumprimentar qualquer Prelado, embora não Cardial, pelo carácter sagrado das Suas Pessoas. O Chefe do Estado evidentemente deve merecer sempre igual distinção. Todas as demais excepções são simplesmente ridículas e caricatas, sendo mais uma prova da falta de noção das proporções, defeito êste existente em alto grau na nossa terra».

E termina ajuizadamente com êste conselho, que é uma ordem sensata e um imperativo inteligente:

«Tomemos, pois, a resolução de acabar com semelhante costumeira, protestando, sempre que alguém, ao querer cumprimentar-nos comece a descalçar a luva, evitando os tais momentos cómicos de «braço estendido e ar de parvo».

* * *

Ora aqui têm, em verbo alheio, os leitores e leitoras de *O Democrata*, os elegantes irrepreensíveis e as elegantes impecáveis, de saia curta, de lábios rubros, de risco negro e bem modelado na sobrancelha, de face colorida e de unhas garridamente vestidas de escarlate em que consiste a curiosa, pitoresca e sugestiva contradança da luva.

Já depois de elaboradas estas linhas ocorre preguntar:

Mas porque diabo, porque carga de àgua, é que se introduziu nos modernos hábitos portugueses, o costume de descalçar a luva para cumprimentar qualquer pessoa, quando não é aconselhada nem pela tradição, nem pela elegância nem pelas regras da pragmática?

Suponho que a questão acaba de ser eloqüentemente posta por autorizadas competências, nas colunas de *A Voz* e que ela há-de influir no animo de muita gente, para que êste acto, no fundo inútil, incómodo, deselegante, caricato, sem aprumo e sem distinção, desapareça inteiramente da sociedade portuguesa, que valha-nos isso, tem a faculdade de imitar e de não imitar, com idêntica, rápida, corajosa e inteligente facilidade:

J. Carreira

O TEMPO

Previsões de 19 a 25 de Fevereiro

Meteorologia

Oscilação barométrica geral—Depois de subir fortemente, em 19, começa a descida barométrica, notando-se em 24 uma oscilação brusca.

Datas de novos ciclones—De 19 para 20 e em 24.

Movimentos mais sensíveis no campo de pressão—De 19 para 20 e em 24.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo se apresente, durante êste período, com tendência para chover e, principalmente, ventoso no dia 19.

Tempo no estranjeiro — Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: na Mancha, E. U. da América, Argentina e Atlantico Norte.

Oscilação provável de temperatura na Península—Oscilante com tendencia para descer no final do periodo.

Sismologia

Datas de maior sensibilidade: De 18 para 19 e em 23.

Setúbal, 15 de Fevereiro de 1939.

A. CARVALHO SERRA

Bailes no Teatro

—:—

Além dos bailes que a *Banda Amizade* e a *Banda José Estêvão* dedicaram aos seus associados e famílias e a que fizemos referência no número passado, também na quarta-feira teve lugar o do *Recreio Artístico*, na quinta feira o do *Club Mário Duarte* e ontem o do *Sport Club Beira-Mar*, decorrendo todos na melhor ordem e com maior ou menor animação.

Hoje temos o da Companhia Voluntária S. P. Guilherme G. Fernandes e na segunda-feira o tradicional baile dos *Galitos*, que ainda marca pelas decorações do teatro.

* * *

Os dois primeiros bailes públicos realizados esta semana estiveram insípidos. domingo gôrdo e terça de entrudo temos os últimos, que costumam ter maior concorrência.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o inocente Benvindo António, filho do sr. António da Silva Justiça; ámanhã, a menina Maria Estela de Jesus Pereira e o sr. Francisco Pinto de Almeida, acreditado ourives; no dia 20, os srs. Amadeu Rodrigues da Paula e Humberto de Brito T. Pinto, residentes no Porto, e Luiz dos Santos Veiga, de Verdemilho; em 21, os srs. João José Trindade, da firma Trindade, Filhos, e Henrique dos Santos Rato; em 22, a menina Aurora Geraldes, residente em Coimbra, e o sr. Eugénio Couceiro, actualmente em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); em 23 os sr.as D. Rosa de Matos Gonçalves e Nazareth de Jesus Rocha, e em 24, os srs. Luis António Duarte da F. e Silva e José Rabumba (o Aveiro) residente em Matozinhos.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo realisou-se domingo, com grande pompa, o enlace matrimonial da sr.ª D. Dora de Rezende Ferreira, gentil filha do sr. Manuel dos Santos Ferreira, com o sr. dr. Francisco Romão Machado, médico no Ultramar, de onde chegou há meses.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria dos Santos Carneiro Ferreira e o sr. Augusto Carvalho dos Reis, e pelo noivo seus tios, D. Josefina Machado e o sr. Jerónimo da Silva Veiga, de Aguada de Cima.

Aos nubentes, que, em breve, partem para Vila Salazar (Africa Ocidental) desejamos as maiores venturas.

—Na paroquial de Esgueira também há dias se uniu pelos laços do matrimónio a sr.ª D. Alice Mendes Leite Machado, filha do saüdoso tenente-coronel António de Morais Machado, com o sr. António Pissarra, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company, desta cidade.

A cerimónia teve um carácter muito intimo, servindo de padrinhos, por parte da noiva, sua irmã e cunhado, respectivamente, a sr.ª D. Maria Helena Mendes Leite Machado do Carmo e o sr. capitão Carlos Maria do Carmo, residentes em Torres Novas e pelo noivo a sr.ª D. Maria Luiza Mendes Leite Morais Machado, mãi da noiva, e o sr. Luiz de Mendonça Corte Real.

Aos recém casados desejamos, igualmente, as máximas felicidades.

Gente nova

Teve o seu bom sucesso, dando à luz um menino, a esposa do sr. José André da Paula Dias, da Fundição Aveirense.

Foi registado com o nome de José António, servindo de padrinhos a sr.ª D. Erini Marco Siner e sua filhinha, Erini Ibañez Marco.

Partidas e Chegadas

Seguiu para Gois, aonde foi colocado como aspirante de Finanças estagiário, o sr. António Ramires Ferreira, filho do nosso amigo António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara Municipal.

—De visita, esteve nesta cidade com seu marido, o sr. José de Mesquita Lelo, a sr.ª D. Maria das Dôres Vieira da Costa Lelo, residentes no Porto, e ainda seu irmão o sr. Mário Victor da Costa.

Doentes

Tendo-se agravado os seus padecimentos, recolheu à cama o sr. Firmino Picado, que está sendo tratado pelo hábil clínico, dr. Humberto Leitão.

—Tambem não passa bem de saúde o sr. José Maria Carvalho, pai dos srs. Américo e Antonio Carvalho da Silva.

—Entrou em convalescença o sr. Firmino Fernandes, 1.º comandante dos Bombeiros Voluntários.

Larápios

Os pilha-galinhas, em operação na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, tem feito uma tal limpêsa nas capoeiras, que ao sr. José Moreira Freire só lhe deixaram um galo para recordação! O resto, foi tudo. Nem admira. E' ámanhã domingo gordo, segue-se o dia de Entrudo e depois entra-se logo nos jejuns da Quaresma, não se comendo carne...

Acautelem-se os restantes moradores da referida artéria.

A Cinza

Se o tempo o permitir, realiza-se o primeiro cortejo religioso do ano na próxima quarta-feira com a imponência do costume. Sai da igreja da Ordem Terceira, pelas 15 horas.

Câmara Municipal de Aveiro

=o=

Concurso para a exploração do Pavilhão Municipal na Feira de Março de 1939

Encontra-se aberto concurso, por espaço de quinze dias, para a exploração do Pavilhão Municipal na Feira de Março de 1939, para a venda e confecção de chá, café, pastelaria e todos os artigos próprios dum estabelecimento denominado *Café*, cujas condições se encontram patentes todos os dias úteis, das 11 ás 17 horas, na Secretaria da Camara Municipal.

Aveiro e Secretaria da Câmara Municipal, 16 de Fevereiro de 1939.

O Presidente da Câmara

Lourenço Simões Peixinho

Agradecimento

A familia de Maria Rosa de Jesus vem por êste meio agradecer penhoradamente a tôdas as pessoas que acompanharam a saüdosa extinta à última morada.

Esgueira, 14 de Fevereiro de 1939.

RAPAZ

Precisa-se para limpeza e recados, com fiador. Ordenado a combinar.

Tratar na *Farmácia Brito*, de Morais Calado.

Prédios em Sôza

Vendem-se

os que pertenceram a Mário da Rocha Martins e que são os seguintes:

Um prédio de rez do chão e 1.º andar, com pátio e casa de arrumações em Sôza, que confronta, do Norte, com a estrada; do Sul, com Manuel Maria Dias Freire, do Nascente com a Avenida Comendador Rodrigues da Silva, e do Poente com Joaquim Martins Freire.

Um quintal que parte do Norte com Amália de Almeida Madail, do Sul com o caminho, do Nascente com a Avenida Comendador Rodrigues da Silva e do Poente com Pedro Nunes Costa.

Uma terra lavradia e pouzio no Loural, tambem conhecida por *Berbilonga* ou *Devezas*, limite de Sôza, que parte do Norte e Sul com caminhos, do Nascente com herdeiros de José Maria Sabino e do Poente com José Nunes Vaz.

1/9 duma terra lavradia, sita no Eividal, limite de Sôza, que parte do Norte com caminhos, do Sul com as Senhoras Brito e do Poente com José Augusto Simões.

1/9 de um breje, sito na Costa dos Moinhos, limite de Sôza, que parte do Norte com a Levada, do Sul com Manuel de Oliveira Brito, do Nascente, êste mesmo e outros e do Poente com José Brito Pereira Rezende.

Vendem-se também os seguintes moveis e fazendas:

Uma estante grande envidraçada, outra estante sem vidros, com 2 tubos; um balcão de madeira; 31 dobradiças de ferro N.º 10—7/8; 9 azas de metal para caixão; 1 chave de metal para parafusos, um crucifixo, um resplendor um emblema, um resplendor pequeno, um crucifixo mais pequeno, de metal, 5 velas de cêra, 1 de estearina, varios parafusos e fechos, 1,k300 de cêra, 1 5 de forro roxo para caixão, 1.70 gabardina mixta, 1 lenço de algodão preto com pontos brancos, 1,5 de flanela verde em quadrados, 1m de flanela lilaz aos quadrados, meio metro de sarja de lã de côr de tijolo, 2,5 de sarja de lã em lilaz, 1.20 de popeline de lã de côr de azeitona, 2 çachinezde lã amarela, 3 metros de popeline de lã lilaz, 2 metros de popeline de seda e algodão em flores, 6 metros de popeline de lã azulada, 1.5 de fôrro de caixão em flores douradas, 7,5 metros de popeline de seda branca, 1 metro de forro de caixão, roxo e prateado, 4 metros de flanela vermelha de algodão, 1 metro de casemira preta mixta, 5,40 de fazenda mixta, castanha, aos quadrados, 4 metros de fazenda azul mixta e 5,5 de fazenda mixta castanha aos quadrados, 3,5 metros de entretela de lã clara, 1,20 fazenda mixta cinzenta, 2 metros de fazenda lilaz, 3 metros de fazenda mixta preta e castanha, 1 metro de casemira azulada com riscas, 2 metros de cheviote aos quadrados, 0,60 centimetros de cheviote, 0,80 de forro de setim, 4 metros de fazenda mixta aos quadrados, 1 chale aos quadradinhos, 1 chale de sarja preta, 2 chales de merino preto, 1 chale fino de lã preta, 3 chales, sendo dois pretos e 1 castanho de lã dos Pirineus, 1 cofre em mau estado, 1 relógio de parede em mau estado, um depósito para petroleo em mau estado, 1 quartola de 8 almudes, 1 quinto para 5 almudes, 1 balança de balcão para 15 quilos com 6 pesos de metal, uma meza de pinho ordinária e 2 bancos comprídos.

Trata, em Aveiro, o solicitador José Augusto Correia Bastos, administrador da Massa Falida.

IMPRENSA

«LABOR»

Em nosso poder o n.º 97 desta revista aveirense que, a propósito de certas intrigas que, de vez em quando, surgem, como as aves agoirentas, à sua volta, dá umas arrochadas bem zurzidas nos que assim procedem sem respeito pela classe nem consideração por os que pugnam tão sòmente pelos interêsses do ensino e do professorado, pondo-os a dobar meadas...

E nós a julgarmos que só nas classes menos cultas havia tipos despresíveis, nojentos, indignos! Como a podridão alastra!

Inspecção Geral das Industrias e Comércio Agricolas

=o=

Tendo esta Inspecção Geral encontrado no mercado dois produtos que se destinam ao tratamento de vinhos, denominados *Tartarine Royal* e *Tartarato de Carbono*, procedeu à colheita de amostras, seguida de análise das mesmas.

Pelos resultados destas verificou-se que a composição de ambos os produtos não corresponde à designação que lhes soi dada, pois não contêm ácido tartárico ou compostos seus derivados: a *Tartarine Royal* é constituida por gesso e metabi-sulfito de potássio, e o *Tartarato de Carbono* (nome que caberia a uma espécie quimica desconhecida) por bicarbonato de sódio.

Este ultimo composto não figura entre as substancias permitidas no tratamento de vinhos, em harmonia com o disposto no art.º 5.º do decreto n.º 19.253, pelo que não pode ser consentido o comercio de *Tartarato de carbono*; igualmente não pode ser o da *Tartarine Royal*, embora se componha de duas substancias permitidas para aquele fim, segundo a mesma disposição legal, visto que se encontra abrangido pela doutrina do § 2.º do mesmo artigo que não permite a venda de produtos enológicos de composição desconhecida.

Nestas circunstancias se dá conhecimento do assunto aos interessados a fim de se evitar qualquer especulação comercial e o uso de produtos cujo emprego não é permitido na técnica vinária.

Ver a 4.ª página

Correspondencias

Costa do Valado, 16

Iluminação pública

O melhoramento a que a Costa aspirava, qual fosse o da iluminação nas ruas principais, cá o tem desde sexta-feira passada, com jubilo de toda a gente que o viu surgir como uma aurora, enquanto no espaço estralejavam foguetes e um *jazz* anunciava, tambem, com os seus acordes retumbantes, o feliz exito dos esforços empregados para que essa regalia viesse a ser um facto.

Desde a Gandara, pois, ao fim da Costa e pelas Paradas adiante, o progresso manifesta-se. Oxalá o mesmo possâmos dizer, dentro em breve, quanto ao Ramal e à arteria que segue da Gandara ás Quintans pelo lado poente. Mas quando será isso? Com os nossos louvores à Camara em presença do que já fez, os nossos votos por que o resto se não faça esperar muito.

—Vimos na segunda-feira as primeiras andorinhas a chilrear no espaço. Vieram cedo este ano. Deus queira que não se arrependam...

C.

Eixo, 12

Ainda que pese aos *Cabaleros* portugueses e imbecis do *Club Vermelho*, todos os verdadeiros patriotas exultam de alegria pela fulminante vitoria de Franco, salvador da peninsula iberica e da civilisação, como ha demonstrado.

—Inscreveram-se socios da Sopa Escolar dos Pobres os snrs Amandio e João Gomes Canelas, proprietarios e activos industriais de chicoria.

Em nome dos beneficiados, os nossos agradecimentos.

—Realisaram o seu casamento José de Oliveira Martins com Maria Ribeiro da Silva, de Eirol; Abilio Tavares da Silva com Maria Dias da Graça; Manuel Rodrigues Ferreira Lopes com Augusta Rodrigues Marques e José Gomes Pombo com Maria Marques da Silva.

—Já se trabalha na freguesia para as solenidades da Semana Santa.

—Encontra-se em via de restabelecimento o sr. Paulo Ferreira da Costa.

C.

Venda de prédios

A pouca distância da estação do c. de ferro vendem-se duas casas terreas e suas pertenças, ligadas por um páteo, com uma frente para a Avenida Central de 40m. Todo o prédio tem uma superfície aproximada de 800m². Tratar com Alfredo Esteves.

BARRIS

Vendem-se 8 de 100 l., aproximadamente, e um bidon de ferro para azeite de 200 l.

Falar com Carlos Vidal, no *Café Rossio*.

COSTA NOVA

Vende-se, nesta praia, e na Esplanada, um palheiro, que foi da sr.ª D. Clarinda Leitão.

Para ver e tratar no escritório do advogado Jaime Duarte Silva,—Aveiro.

Vende-se casa na R. do Gravito com padaria (pão de milho) e mercearia bem afreguezadas. Tratar na mesma.

Regimento de Infantaria n.º 19

Conselho Administrativo

O Conselho Administrativo dêste Regimento, faz público que no dia 23 do corrente, por 14 horas, na parada do quartel, há-de proceder-se à venda em hasta pública de três (3) solípedes julgados incapazes do serviço do Exército.

Quartel em Aveiro, 14 de Fevereiro de 1939.

O Secretário

José Tarata Freire de Lima

Alferes do Q. S. A. E.

Regimento de Cavalaria n.º 8

=x=

Anúncio

2.ª praça

O Conselho Administrativo deste Regimento faz publico que no dia 23 do corrente mês, pelas 14 horas, na parada do quartel, proceder-se á á venda de um solipede do Regimento, julgando incapaz do serviço do Exercito.

Quartel Aveiro, 15 de Fevereiro de 1939.

O Secretario,

(a) *Antonio Pedro Carretas*

Alferes

Este número foi visado pela Censura

O *Democrata* vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Horario dos comboios

Da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro

Partidas para o norte		Partidas para o sul	
5,41	tram.	7,56	tram. *Fig.*
5,27	correio	9,40	rápido
7,15	tram.	10,59	correio
10,22	»	13,40	tram. *Fig.*
12,56	rápido	16,19	tram.
13,43	tram.	19,29	rápido
16,58	»	21,51	tram.
18,30	correio	0,31	correio
21,09	tram.		
22,27	rápido		

Do Porto chegam tram. às 19,05 e às 20,30, que não seguem.

Linha do Vale do Vouga

Partidas	Chegadas
7,57	10,15
13,45	18,21
18,38	22,54

Comarca de Aveiro

Anuncio

2.ª publicação

Nos termos do art.º 468 do Código do Processo Civil, se anuncia, para os devidos efeitos, que por sentença de 21 de Janeiro último, que transitou em julgado, foi homologada a decisão do conselho de família que autorizou a separação de pessoas e bens entre os conjuges Maria Rosa Rodrigues de Rezende, doméstica, e José Rodrigues d'Oliveira, lavrador, ambos do lugar e freguesia de Cacia, desta comarca.

Aveiro, 7 de Fevereiro de 1939.

Verifiquei:

O Juiz de Direito, substituto,

F. Moreira

O Chefe da 1.ª Secção

António Augusto dos Santos Victor

Comarca de Aveiro

Arrematação

1.ª publicação

No dia 26 do corrente mês de Fevereiro, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e na execução por custas e sêlos em que são exequente o Ministério Público e executado José Rodrigues da Paula, divorciado, lavrador, de Cacia, vai à praça pela segunda vez a fim de ser entregue a quem maior lanço oferecer, o seguinte:

O direito e acção que o executado tem à meação do casal, ainda indiviso, dêle e de sua ex-mulher Luisa Marques da Cruz, casal êsse que se compõe dos seguintes prédios:

Umas casas térreas, sitas em Cacia, e uma terra lavradia, sita na Viela do Ribeiro, também de Cacia. Este direito que corresponde a metade do casal, vai à praça pela quantia de 1.050$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 13 de Fevereiro de 1939.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara,

A. Fontes

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara

João António de Morais Sarmento

A FECHAR

Um tipo encontra um preto montado em burro branco e diz em ar de troça:

—Então você, sendo preto, vai montado num burro branco?

—Si sinhô,... Preto não tem culpa que branco seja burro.